

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

Conselho Editorial

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — Presidente
WILSON FIGUEIREDO — Vice-Presidente

Conselho Consultivo

FRANCISCO DE SÁ JÚNIOR
FRANCISCO GROS
JOÃO GERALDO PIQUET CARNEIRO
JORGE HILÁRIO GOUVÉA VIEIRA

DACIO MALTÁ — Editor

MANOEL FRANCISCO BRITO — Editor Executivo
ROSENTEAL CALMON ALVES — Editor Executivo
ORIVALDO PERIN — Secretário de Redação

SÉRGIO RÉGO MONTEIRO — Diretor

Primeiro as Crianças

Pela primeira vez na história do Brasil, um presidente da República anuncia como prioridade das prioridades do seu governo um ensino de qualidade para as crianças desse país.

Das cinco metas básicas simbolizadas na campanha pelos dedos da mão espalmada — Educação, Saúde, Agricultura, Segurança e Emprego — Fernando Henrique Cardoso reafirmou, em seu pronunciamento de ontem, que o ensino básico é a primeira delas, a mais urgente e fundamental.

Em seguida, anunciou cinco providências de curto prazo destinadas a materializar sua decisão política: 1 — Valorizar o professor e garantir, junto aos governos dos estados, que os recursos federais para o ensino básico cheguem efetivamente às 200 mil escolas da rede oficial; 2 — Lançar um programa de aperfeiçoamento do ensino e dos professores pela instalação de um aparelho de TV em cada escola da rede pública; 3 — Melhorar a qualidade e a distribuição do material didático escolar; 4 — Definir em reunião do ministro com os secretários da Educação o currículo obrigatório das escolas; 5 — Estabelecer um sistema de controle de qualidade das escolas brasileiras, premiando aquelas que conseguirem melhores resultados.

Nunca houve no Brasil uma tentativa decisiva de se promover a educação como fator *sine qua non* da formação de um Estado Nacional moderno. O Brasil fez grandes obras de infra-estrutura, mas não conseguiu realizar na prática a universalização do ensino básico e a secularização do conhecimento científico, tarefa prometéica da sociedade industrial moderna pregada pela primeira vez pelos ingleses, em 1640.

Atenção: universalização do acesso à escola — que está perto de ser alcançada em nosso país — não equivale à universalização da educação. A “pedagogia da repetição” é sintoma dramático de baixa qualidade do ensino brasileiro. A taxa de repetição dos alunos na primeira série do ensino básico é de

50%. Os graduados levam em média 11,4 anos freqüentando a escola de primeiro grau.

Cerca de 4 milhões de crianças de 7 a 14 anos estão fora da escola e cerca de 18% da população brasileira com mais de 15 anos não sabem ler. Dos 86% dos alunos que se encontram na pré-escola e no primeiro grau, apenas 4,5% atingem o terceiro grau. A baixa qualidade não se explica pela parcimônia de recursos aplicados na área. O Brasil dedica à educação 3,5% do seu PIB, pouco menos que o Japão (4,9%), o mesmo que o Chile e mais que a Espanha (3,2%). O problema está no desperdício, no clientelismo e no desvio das verbas.

A educação básica sempre esteve nos alicerces das grandes nações modernas: ela propiciou a Revolução Industrial inglesa. Um século mais tarde, a França e a Prússia erradicaram o analfabetismo e universalizaram a educação. Perguntado sobre quem havia ganho a guerra contra França, em 1870, Bismarck respondeu que foram os mestres-escolas de seu país. A Revolução Meiji praticamente acabou com o analfabetismo no Japão a partir de 1861.

O Brasil está jogando o seu futuro no desafio a realizar uma revolução educacional. A educação neste fim de milênio informatizado é condição necessária ao desenvolvimento econômico. Não há mais, a longo prazo, vantagem comparativa no uso de mão-de-obra barata e desqualificada e na utilização predatória de matérias-primas abundantes. A competição internacional exige hoje alto grau de instrução para todos. O Brasil não pode continuar produzindo aviões, satélites e plásticos sofisticados, sem conseguir assegurar educação e saúde para o seu povo.

Mas, disse o presidente em seu pronunciamento, não basta a decisão política do governo. É preciso que a sociedade se envolva na tarefa: as empresas, a imprensa, os prefeitos, os vereadores e os pais dos alunos devem se compenetrar que o destino do Brasil se confunde com o da educação de suas crianças.